

As origens da Feira de Grândola

A Festa de Santo António

A origem da feira de Grândola, durante séculos denominada “Feira de Santo António”, liga-se à devoção dos grandolenses a este santo e à existência de uma irmandade que o invocava e que realizava uma festa anual para o louvar e pedir a sua divina protecção.

Na visitação que a Ordem de Santiago efetuou a Grândola em 1533¹ foi determinado que na igreja matriz, na parede do cruzeiro do lado da epístola, fosse construído um altar para albergar a imagem de Santo António. Não se sabe se a devoção já existia mas o facto é que foi instituída uma irmandade, de que há notícia em 1587 e cujo compromisso obteve confirmação em 1617². Entre as obrigações das irmandades encontrava-se a de realizar uma festa no dia dedicado ao patrono, neste caso a 13 de junho. Contudo, em Grândola ocorreu algo peculiar pois, no referido ano, a irmandade solicitou autorização régia para que no dia do santo apenas mandassem dizer uma missa cantada, levando a cabo os demais festejos no derradeiro domingo de Agosto *por Ser tempo Ocupado de Seyfa e os Irmãos Serem os mais delles Lavradores, e as Esmollas Serem poucas, e por ser costume fazer-se a festa nessa data*³.

Constata-se assim que os grandolenses, gente ligada ao campo e à lavoura, não dispunham de tempo nem de dinheiro para fazerem a festa de Santo António a 13 de junho e que, mesmo sem a devida aprovação, já a realizavam no último domingo de Agosto, depois de *levantado o pão das eiras* e com alguns réis para gastar.

A Feira de Santo António

A festa de Santo António, eminentemente religiosa, teria também a sua dimensão profana, como ainda hoje acontece com festejos desta natureza. É provável que nela se vendessem alguns produtos, nomeadamente as oferendas feitas ao santo e que a irmandade queria transformar em dinheiro. Com o desenvolvimento da vila e do Concelho e no contexto da política pós restauração (1640), a festa de Santo António, apesar de continuar a ser uma manifestação do sagrado que incluía a realização de uma procissão solene, deu origem à feira. De facto, em 1642 realizou-se pela primeira vez a feira de Grândola⁴, de forma mais ou menos organizada e regulamentada pela Câmara, seguindo a tipologia das restantes feiras do reino. A festa passou a incluir uma feira visto que nesse ano se arrendou para ela a balança do Concelho. O seu arrendamento, por 700 réis a Francisco do Vale, atesta a existência da venda de bens, obrigatoriamente pesados, e dos quais eram pagos os “direitos” (impostos) fixados⁵. Sabe-se, assim, que a feira de Grândola teve origem na festa de Santo António. Dela guardou a

¹ ANTT, *Ordem de Santiago e Convento de Palmela, Órgãos dirigentes, Visitações, Visitações a Grândola efectuadas pelo Mestre D. Jorge, Álvaro Mendes e Afonso Rodrigues*.

² ALMEIDA, Manuel Costa Gaio Tavares, *A Posturas (Dos Anos de Seiscentos à República) - Subsídios para uma monografia V*, Santiago do Cacém, Câmara Municipal de Grândola, 2007, pp.245.

³ ALMEIDA, Manuel Costa Gaio Tavares, *Op. cit.*, pp.246.

⁴ SILVA, Germesindo, “Chamava-se feira de Santo António”, *Grândola municipal n.º 1*, Câmara Municipal de Grândola, 2002.

⁵ Arquivo Municipal de Grândola, *Câmara Municipal de Grândola, Contabilidade Municipal, Receita e despesa*, liv. A.D.1/1.

menção ao santo até ao século XIX; ocorre ainda na mesma data e o domingo, dia solene da festa, continua a ser o seu dia mais representativo.

Até 1791 a feira realizou-se no Rossio de São João (atuais Jardins Dr. José Jacinto Nunes e Dr. Júlio do Rosário Costa). Nessa data os feirantes pediram a sua transferência para o Rossio de São Sebastião. A Câmara concordou e destinou o Rossio de São João para a corredoura, onde se realizava a feira do gado, e para acomodação de carretas e outras atrelagens⁶.

Três dias de feira: usos e costumes

A feira passou a ser o principal acontecimento económico, social e cultural do Concelho. Possibilitava a aquisição de bens que, de outra forma, dificilmente chegariam a Grândola; permitia encontros entre amigos e familiares; facilitava os negócios entre os próprios visitantes e oferecia convívio e distração a uma população camponesa, que precisava de se recompor da sua vida árdua. Imagina-se buliçosa, barulhenta, com alguns descatos, afinal como todas as feiras. A ela acorriam feirantes maioritariamente do sul: mercadores de panos de linho, curtidores, louceiros e oleiros (incluindo os de Beringel), caldeireiros, ourives, violeiros, espadeiros, sapateiros, chocalheiros, bufarinheiros (vendedores de bugigangas), vendedores de fruta... E os naturais e os moradores também vendiam na feira os seus produtos, beneficiando de privilégios do regimento.

A Câmara regulou o seu funcionamento e assistia formalmente ao seu decurso. Para tal era construído um palanque, armado com panos de seda, onde a governança – juizes, vereadores e procurador – tinha assento⁷. Por outro lado, na Praça da vila (D. Jorge), tinha lugar uma tourada à espanhola com touros agarrochados⁸, chegando a cadeia do Paço do Concelho do século XVII⁹ a servir de touril. A feira, que se prolongava por três dias, embora por vezes afirmem tratar-se de Sábado, Domingo e Segunda e outros de Domingo, Segunda e Terça, inseria-se num autêntico “programa de festas” do Concelho.

Não se sabe se a feira se realizou desde 1642 sem interrupções. No entanto, a **Feira de Santo António** – que hoje é conhecida por **Feira de Agosto** – acompanhou, ao longo destes 373 anos, o engrandecimento da terra, foi mudando de local em conformidade com as necessidades e a dimensão, modernizou-se e assume-se hoje, inquestionavelmente, como uma das maiores e mais concorridas feiras do sul do país.

⁶ ALMEIDA, Manuel Costa Gaio Tavares, *Op. cit.*, pp. 251.

⁷ Arquivo Municipal de Grândola, *Câmara Municipal de Grândola, Actas e deliberações da Câmara, Actas das Vereações*, liv. AB1/30.

⁸ Garrocha (puya) – espécie de lança com uma extremidade cortante, funciona como um saca-rolhas.

⁹ A cadeia do Paço do Concelho do séc. XVII situava-se na atual ala norte do Hotel D. Jorge.